

Dalbergia brasiliensis Vogel

(caroba brava, caviúna preta, jacarandá)

Família: Fabaceae

Endêmica: sim⁷

Bioma/Fitofisionomia: Cerrado, Mata Atlântica⁷

Recomendação de uso: Restauração, Arborização urbana

A caroba-brava é uma árvore de pequeno porte, que alcança até 16 m de altura, e ocupa preferencialmente em florestas de encostas úmidas. Por seu porte e por sua abundante e perfumada floração amarelada, é uma espécie recomendada para arborização urbana em ruas e avenidas. É também recomendada para a restauração em locais sem inundação. Sua madeira é pesada apresenta valor econômico, indicada para móveis finos e painéis decorativos.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (cabo de ferramentas, mourões, peças torneadas, construção civil, revestimento decorativo, tabuados, lenha, móveis), produtos não madeireiros (apícola, ecológico, ornamental)^{1,3,8}

Características gerais

Porte: altura 4.0-20.0m DAP 20-50cm^{2,4,3,1}

Cor da floração: amarela^{1,2,4}

Velocidade de desenvolvimento: Lenta, Moderada^{4,8,1}

Persistência foliar: Decídua^{1,4}

Sistema radicular: -

Formato da copa: -

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: Reto, Levemente tortuoso^{4,1}

Superfície do tronco: Áspera^{1,2,3,4}

Tipo de fruto: Seco indeiscente (Sâmara)^{4,2,1}

Cuidados

Poda de condução e de galhos: sim⁴

Pragas e doenças: Frutos e sementes sofrem a ação predatória dos bruquídeos, que prejudicam a safra.^{1,4}

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: Áreas bem drenadas^{1,4}

Solos com boa drenagem (CARVALHO, 1994); locais sem inundação (CARVALHO, 2003).

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Secundária inicial, Secundária tardia^{9,1,10,5,4}

Polinizadores: Abelhas e diversos insetos pequenos.^{6,2,4,1}

Período de floração: abril a janeiro^{4,1}

Tipo de dispersão: Anemocórica^{4,6,5,1}

Agentes dispersores: Ventos.^{4,5,1,6}

Período de frutificação: abril a outubro⁴

Associação simbiótica com raízes: não⁸

As raízes não associam-se com Rhizobium. No viveiro da Embrapa Florestas, em Colombo, PR, não foi encontrado nodulação espontânea nas raízes.

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore^{4,3}

O fruto deve ser coletado quando muda de coloração do verde para o amarelo-cinza. As sementes devem ser extraídas manualmente.

Tipo de semente: Ortodoxa⁵

Tratamento para germinação: Sem necessidade de tratamento, Tratamento térmico^{5,1,4}

Não apresenta dormência, mas recomenda-se como tratamento pré-germinativo a imersão em água fria por 48 horas, para embebição (CARVALHO, 1994; CARVALHO, 2003). Pode-se utilizar tratamento térmico, com imersão em água fria por 48 horas (MORI et al., 2012).

Produção de mudas: Canteiros^{4,2,1}

Semeaduras em canteiros. Repicagem em recipientes individuais em 3 a 5 semanas.

Tempo de germinação: 11 a 60 dias^{4,1,2}

Taxa de germinação: 13 a 86%^{1,5,4}

Número de sementes por peso: 23000/kg^{5,1}

Exigência em luminosidade: Tolerante à sombra^{4,1,3}

Tolerante à sombra quando jovem.

Bibliografia

¹ CARVALHO, P. E. R. Espécies florestais brasileiras: recomendações silviculturais, potencialidades e uso da madeira. Colombo: EMBRAPA – CNPF; Brasília: EMBRAPA – SPI, 1994. 640 p.

² BACKES, P.; IRGANG, B. Mata Atlântica: as árvores e a paisagem. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2004. 396p.

³ LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. v.2, 368 p.

⁴ CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. 1. ed. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003. v. 1, 1039 p.

⁵ MORI, E. S.; PIÑA-RODRIGUES, F. C. M.; FREITAS, N. P.; MARTINS, R. B. Sementes florestais: guia para germinação de 100 espécies nativas. São Paulo: Instituto Refloresta, 2012. 159 p.

⁶ YAMAMOTO, L. F.; KINOSHITA, L. S.; MARTINS, F. R. Síndromes de polinização e de dispersão em fragmentos da floresta estacional semidecídua montana, SP, Brasil. Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, v. 21, n. 3, p. 553-573, 2007.

⁷ LIMA, H. C. de. Dalbergia. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: < <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB29592>>. Acesso em: 07 fev. 2014.

⁸ CARVALHO, P. E. R.; JOAQUIM, A. A.; NETO, V.; DALMAS, I. Comparação entre essências florestais nativas e exóticas em Quedas do Iguaçu, PR – resultados preliminares. Curitiba: EMBRAPA-CNPF. 1987. 9p. (Circular Técnica, 15).

⁹ GANDOLFI, S.; LEITÃO-FILHO, H. F.; BEZERRA, C. L. F. Levantamento florístico e caráter sucessional das espécies arbustivo-arbóreas de uma floresta mesófila semidecídua no município de Guarulhos, SP. Revista Brasileira de Botânica, São Paulo, v. 55, n. 4, p. 753-767, 1995.

¹⁰ CATHARINO, E. L. M.; BERNACCI, L. C.; FRANCO, G. A. D. C.; DURIGAN, G.; METZGER, J. P. Aspectos da composição e diversidade do componente arbóreo das florestas da Reserva Florestal do Morro Grande, Cotia, SP. Biota Neotropica, Campinas, v. 6, n. 2, 2006.